

Nós documentaristas - Claudia Priscilla

00:50 – Cláudia: Ser documentarista é se inscrever no mundo com mais interrogações do que com pontos finais e certezas. A cada filme que termino, eu preciso entender como a minha subjetividade foi atravessada pelos corpos registrados, pelo discursos diferentes do meu. Eu me permito e gosto de ser afetada pelo outro. Afetar é uma boa palavra. Tanto no sentido de ser afetada quanto na importância de ser uma relação de afeto com os sujeitos do filme. O tempo do documentário é um outro bem diferente da urgência jornalística. Esse tempo é fundamental também para a construção da relação com o outro. O tempo me possibilita a vivência de trocas, intimidade e paixões. Documentar é observar a beleza de ver o outro fabular, refletir sobre si mesmo, sua vida, seus espaços físicos e simbólicos. A vida contada é mais rica do que a vida vivida.

A idéia de dirigir um filme pra mim sempre vem da possibilidade de poder falar, poder olhar pra assuntos que me interessam. Eu só consigo fazer filmes com pessoas em que eu acredito. Eu não conseguiria nunca filmar um inimigo. Acho admirável quem faz, só que seria uma coisa impossível pra mim. Esse encontro, essa doação - que é dos dois lados, claro; mas essa empatia, pra mim, é fundamental.

Trecho em espanhol já com legendas em português. Transcrição das legendas:

Maria Del Pilar no documentário: Fui uma menina travessa, um pouco inquieta. Caminhava com muita liberdade. Na Escola das Madres Beneditinas havia espaços que tínhamos que ir sozinhas, como à biblioteca. Quem cuidava da biblioteca era um senhor já de idade. Uma vez pediu para que eu entrasse para me mostrar uns livros maravilhosos. Fui então abusada e estuprada. Recordava fotograficamente todas as cenas. Me horrorizada. me lavava. E me confessei pela primeira vez.

Cláudia Priscilla: Meu primeiro curta se chama “Sexo e Claustro”, que é sobre uma ex-freira lésbica. Eu queria muito falar da questão da religião e da questão da orientação de gênero. E aí eu consegui uma personagem no México. Então meu primeiro trabalho como diretora eu fiz no México, com a Maria Del Pilar. Foi maravilhoso. Eu não conhecia a Cidade do México. Foi a primeira vez em que eu estive lá. Então a maria Del Pilar que indicava os lugares em que ela queria ser filmada. Então isso foi muito legal, porque também tinham ali os lugares que contavam um pouco da história dela, os lugares que pra ela faziam sentido. Mas teve uma coisa muito curiosa, porque é um filme que se parece

muito comigo, é um filme que não tem respiro. Eu não dou um tempo pra pessoa... sabe? Ele tem fala do começo ao fim.

Trecho em espanhol já com legendas em português. Transcrição das legendas:

Maria Del Pilar no documentário: Descobri que minha pele ao ser tocada de maneira diferente falava da minha sensualidade. Ainda agora quando a toco. Então comecei a gostar de me acariciar e de descobrir minhas zonas erógenas. Depois comecei a me masturbar e a me explorar. Me reconhecer e me dar prazer. Prazer que eu recusava desde que saí do convento. Por achar que era egoísmo. Uma contaminação de pecado ou de maldade ou de malignidade de ter essa sexualidade feminina. Eu orava amando a minha companheira. E me levava através das carícias, através da sensualidade. Do despertar do meu erotismo e da minha liberdade para unirmos, abraçar-nos e exalar como espíritos feito carne. Essa carne que é bendita, que não é pecaminosa. Como mulher, amando e adorando outra mulher.

04:58 - Cláudia Priscilla: É um filme que até hoje eu gosto muito. Me trouxe uma bagagem muito positiva também, até dessa troca com o personagem. Dessa troca e dessa possibilidade do personagem também poder ser um sujeito dentro do filme. Poder escolher coisas, poder decidir coisas. Isso pra mim cada vez ficou mais importante, eu fui num crescendo em relação a este espaço que eu dava pro personagem.

Sílvio Lúcio no filme: Olhe pra mim. Olhe de novo. O que você vê? Normalmente a gente vê a carne, e posteriormente vê o espírito. Não, comigo é o oposto. Você vê o espírito do Sílvio Lúcio pra depois perceber que eu não tenho a voz grossa de um homem, que eu não tenho os músculos de um rapaz de 20, 30 anos, mas eu tenho o comportamento, a postura do homem que eu sou. Eu costumo dizer que eu sou o homem completo. Eu sou o homem que realiza qualquer mulher. Eu sei o que é uma TPM foda, eu sei o que é a angústia da sensibilidade feminina quando a autoestima está baixa, mas eu sei o que é o tesão, a tara masculina, da penetração, da pegada de um homem com uma mulher. Então eu sou completo. Só me falta glamour.

Cláudia Priscilla: O “Olhe pra mim de novo”, quando a gente começou a conversar com o Sílvio Lúcio, não era um filme sobre ele, era um filme sobre várias pessoas. A gente falou não, é um filme sobre o Sílvio Lúcio. O Sílvio Lúcio roubou literalmente a cena. Só que a gente queria fazer os outros personagens. E aí como fazer? E aí o Kiko Goifman,

que é o parceiro e diretor do filme comigo falou, vamos colocar o Sílvio na van, e ele vai ser esse interlocutor. Então o Sílvio era personagem mas era equipe, interlocutor com essas pessoas. Agora, colocar o personagem em uma van pra rodar o sertão ou dava muito certo ou ia ser a maior roubada, não ia ter filme. E foi incrível. Foi uma decisão de risco total, mas deu certo. mas era isso, Sílvio era personagem, equipe, ele acabou sendo tudo. E se jogou na história com a gente. Ainda bem que rolou.

Sílvio Lúcio no filme: Eu fui uma lésbica e hoje eu sou um homem.

Homem: Que foi o que você estava com dúvidas, dizendo que era impossível. E eu disse que não.

Homem 2: Ahhh. Porque eu pensava que você era um homem que tirou e agora quer ser homem de novo... Desculpa. Quer dizer que você é uma lésbica...

Sílvio Lúcio no filme: Eu fui uma lésbica...

Homem 2: E hoje é um homem...

Sílvio Lúcio no filme: E hoje eu sou um homem.

Homem 2: Mas você vai botar? Ou já botou?

Sílvio Lúcio no filme: Me dê sua mão. Mê dê sua mão. Não, aqui, ó.

Homem 2: Ai, que beleza.

Sílvio Lúcio: Gravou, Pedro?

Homem 2: Arrasou!

Mulher trans: É um prazer enorme estar com vocês, meu nome é Stephany Mirele Belquis Rose Bubuta Sabatella Nabucodonosor. Não nasci pra ter ódio nem rancores, nasci pra construir. Não sou daqui nem vim pra ficar, estou de passagem para incomodar. E lembrem-se, o importante não é ter, o importante é ser. Para quem gosta de mim, um beijo, para quem não gosta, dois. Beijo da simpática.

Homem: arrasou!

Cláudia Priscilla: Eu sou fascinada pelo ser humano, eu sou fascinada pelas histórias. É muito prazeroso pra mim fazer documentário. É muito prazeroso. É muito prazeroso ouvir, é muito prazeroso receber isso, sabe? Esse ato. Essas histórias. É muito bom receber no sentido da escuta mas também é muito bom receber no meu corpo. Não é leve, né? Eu fico pensando, do jeito que eu estou falando parece que é super romântico, e não é. É também uma zona de tensão. Mas eu acho que ser documentarista também é o espaço de

seduzir o tempo inteiro, seduzir e ser seduzido o tempo inteiro. E a relação de sedução pode ser muito maravilhosa, eu acredito muito nisso. Então essa troca pra mim é o que pode existir de mais bacana. Eu acho... É um privilégio. É um privilégio esta profissão.

09:58 - Cláudia Priscilla: O “Leite e ferro” veio... eu tinha tido o Pedro e aí eu comecei a pensar como seria a maternidade muito diferente daquela que eu vivia. Existia uma tensão naquele lugar, porque elas ficavam de 3 a 6 meses. Então, as mulheres iam embora. Elas eram separadas dos bebês. Então era um lugar tenso, tenso e intenso também porque era aquele tempo que elas tinham de exercício de maternidade. É realmente de uma intensidade aquela vivência, aquele limite, potencializava todos aqueles sentimentos, os bons, os ruins. Foi bem difícil fazer o “Leite e ferro”. E foi meu primeiro longa.

Mulher no filme: A gente vem pra cá pra cuidar dos bebês. Pra amamentar, pra ter esse vínculo, né? Os primeiros vínculos com a criança. Mas passa o tempo, né, 4 meses, que o juiz determina pra mãe ficar com o filho aqui, muitas, graças a Deus, vão embora com os filhos nos braços. Muitas, já sentenciadas, voltam pro lugar de origem e a criança ou vai pra família ou, se não tem ninguém pra pegar a criança, mandam pra uma instituição.

Cláudia Priscilla: Tinham aquelas mulheres fantásticas, que eu acho que me fizeram continuar, todos os dias. Eu queria estar perto delas. Realmente eu gostava. Por mais que elas me deixassem louca, culpada, eu gostava de estar ali, eu gostava de ver aquelas mulheres, de conviver com aquelas mulheres.

Laerte: Não sei se me acho bonita não. Aí é também um assunto... É tão subjetivo isso, acho que a maior parte das mulheres não se acha bonita também, como a pergunta que me fazem sugere. Mas tem horas que eu gosto da minha cara sim, eu acho... Principalmente quando eu me produzo.

Cláudia Priscilla: A minha história de fazer documentário, o meu jeito de fazer documentário, é a partir da proximidade, é a partir da intimidade. Eu quero entrar na casa da pessoa e ao longo do tempo ser alguém que está lá, confortavelmente. Que eu e a personagem a gente esteja à vontade dentro do mesmo espaço. Pra mim é fundamental. Eu nunca fiz um documentário que depois eu não tivesse vínculos com as pessoas, tem pessoas que são contra isso. Mas pra mim a questão da proximidade, a questão da intimidade é fundamental. Tem pessoas que fazem parte da minha vida e que vieram de filmes. São grandes amigas. Então eu não sei falar deste distanciamento porque eu não

sei trabalhar desta forma. Eu nunca consegui mudar essa questão da proximidade, “então tá, não vou conhecer”... Eu acho que o Coutinho fazia isso lindamente, ele só conhecia a pessoa na hora da entrevista e... gênio. Gênio, tirava coisas maravilhosas. Mas também com outras técnicas, com a questão do corpo próximo, ele era um grande sedutor. Eu acho que o Coutinho ensina que o documentário é um jogo de sedução.

Laerte: Nem toda a transexualidade é o caso clássico de “estou no corpo errado, quero mudar isso”. Às vezes acho que existe uma espécie de transexualidade em outros níveis também, por exemplo neste, “quero ser reconhecida como mulher”.

14:35 - Cláudia Priscilla: “Vestido de Laerte” e “Bixa Travesti” se falam muito na questão quando eu comecei a cruzar essa fronteira do documentário e da ficção. Tem uma linha, teoricamente, que separa esses gêneros. E aí eu resolvi, abertamente, invadir.

Cláudia Priscilla: Laerte, na verdade, não queria que fosse feito um documentário com ela. Então a gente fez um processo com a Laerte que eram várias entrevistas, longas entrevistas onde a gente fazia várias perguntas e ela podia mentir ou não, dentro disso a gente ia construir um roteiro. Outro material pra usar, porque foi um filme completamente roteirizado, foram as obras de Laerte. Todas as cenas que aparecem no filme têm relação direta com a produção dela. Então a gente coloca como filme de ficção mas é um filme híbrido. É todo construído com uma coisa que eu nunca tinha usado, que era uma direção de arte pesada. Porque a gente precisava criar cenicamente alguns lugares que dessem elementos de entendimento. Porque a história em si, a narrativa em si é muito simples, mas estes elementos eram muito importantes. Então a gente faz uma instituição, essa instituição em que ela receberia ou não um alvará pra usar banheiro público, que é um alvará pra ser mulher, e é negada. Então dentro dessa instituição tinha que ter coisas médicas, coisas que remetessem ao passado... Tinha que ter alguns elementos pra que a gente pudesse dar as camadas pra essa história. Foi minha primeira experiência de cruzar e dessa vez eu cruzei firmemente. Foi um propósito, vou cruzar, sim, por um pedido de Laerte, e foi uma experiência muito bacana.

Laerte: Phedra, não consegui de novo.

Phedra: Ah, Laerte, eu sei, não é fácil conseguir usar os banheiros públicos. Mas olha, vou cantar uma canção pra ti. “Igual que en un escenario / Finges tu dolor barato / Tu drama no es necesario / Yo conozco ese teatro / Mintiendo / Que bien te queda el papel / yo confiaba ciegamente / en la fiebre de tus besos, / mentistes serenamente / y el telón

cayó por eso / Teatro / Lo tuyo es puro teatro / Falsedad bien ensayada / Estudiado simulacro / Fue tu mejor actuación / Destrozar mi corazón.

Cláudia Priscilla: A literatura me trouxe a questão das pessoas trans. Entender as pessoas trans... No primeiro momento que eu me deparei com isso eu falei, não é possível, o meu entendimento era zero em relação a este assunto. Essas pessoas brincam de Deus, essas pessoas nascem homens, vivem como mulher, enfim, eu fiquei louca, fiquei enlouquecida, fiquei tomada por este assunto. E eu comecei a investigar. São corpos vistos como corpos abjetos, corpos não desejáveis. Então essas pessoas sempre foram empurradas pra uma margem. Não se quer falar muito disso. Então eu comecei a trabalhar com isso e, como já faz muito tempo também, as coisas começaram a andar, e eu vejo hoje que trabalhar com este tema, eu já não estou falando pra um gueto. Eu tô falando pra sociedade. E eu acho que a existência desses corpos, só por eles existirem, eles já colocam em cheque todo este conservadorismo em que a gente está, em que a gente viveu na verdade.

Linn da Quebrada: Vocês, homens, vocês fizeram tudo muito direitinho, né? Vocês armaram o circo completo. Vocês se mancomunaram entre si, vocês fizeram seus joguinhos, fizeram as suas redes, vocês se ajudaram, vocês se beneficiaram, vocês estavam fazendo as coisas todas pra se protegerem. E deixando o feminino num lugar recluso, competindo por vocês. Mas que joguinho sujo. Vamos criar uma rede de apoio entre nós, vamos aprender a lutar, vamos pegar em armas, vamos pegar nos nossos corpos como armas.

Cláudia Priscilla: A gente vive no país que mais mata pessoas trans no mundo. A média de idade de vida de uma pessoa trans é de 35 anos e a média do brasileiro é de 75. E é o país que mais mata as pessoas trans e é o país que mais consome pornografia com pessoas trans. Essas pessoas consomem, essas pessoas matam, como se estivessem matando em si o próprio desejo. Geralmente não é um tiro. Geralmente não é uma facada, são 100 facadas. A gente precisa de 3 facadas no máximo pra matar um ser humano. Então, 100 facadas, alguém está matando alguma coisa além daquele corpo. e essas mortes sempre são exageradamente realizadas. Esses homicídios.

20:22 - Cláudia Priscilla: Então eu acho que tem essa questão do desejo. essa questão do não-entendido, do não-identificado, do corpo-outro, do corpo que incomoda, do corpo que te tira da situação de conforto. Eu acho que elas provocam sim, elas provocam uma revolução subjetiva e tomara que essa revolução venha cada vez maior.

Linn da Quebrada: Ei, psiu, você aí, macho discreto / Chega mais, cola aqui / Vamo bater um papo reto / Que eu não tô interessada no seu grande pau ereto / Eu gosto mesmo é das bixas, das que são afeminada / Das que mostram muita pele, rebolam, saem maquiada / Eu vou falar mais devagar pra ver se consegue entender / Se tu quiser ficar comigo, boy (ha-ha-ha) / Vai ter que *enviadecer*.

Cláudia Priscilla: Quando a gente decidiu fazer um filme sobre a Linn a gente chamou a Linn pra construir um roteiro pra gente. Então o “Bixa” não é um filme sobre a Linn da Quebrada, é um filme com a Linn da Quebrada. A Linn entra pra gente descobrir também o que seriam essas narrativas ficcionais, mas também a Linn entra escolhendo personagens com quem ela queria interagir, pessoas ligadas a ela, e lugares. Ter tido a Linn como roteirista, como aliada neste filme foi incrível. Enriquecedor. Tem linhas que a gente fala, ai, não vou pedir isso, sabe? Tem questões éticas, morais, que a gente está completamente cercada, que a Linn veio, entrou com tudo e propôs coisas maravilhosas. Então foi uma experiência muito radical. O processo foi diferente, foi um processo em que o personagem tinha um peso muito... Um peso de decisão. De tomar as decisões. Eu tenho certeza de que se a gente não tivesse chamado a Linn pra fazer o roteiro, seria outro filme. Tenho certeza de que seria um filme muito mesmo potente do que é.

Linn da Quebrada e Jup do Bairro: Uah, uah, uah, uah, uah.

Linn: Língua pra fora.

Uah, uah, uah, uah, uah. Uahhhhhhhh.

Linn da Quebrada: Eu quebrei a costela de Adão. Muito prazer, eu sou a nova Eva. Filha das travas, obra das trevas. Não comi do fruto do que é bom e do que é mal, mas dichavei suas folhas e fumei sua erva.

Cláudia Priscilla: Eu tenho uma questão temática. Tenho uma obsessão. Uma vontade de falar desses corpos. Eu acho que a vontade de falar desses corpos é quebrar normativas. Eu não acredito que um documentário mude o mundo, eu não acredito nisso. Mas eu acho que se esses filmes podem afetar, se esses filmes podem criar alguma dúvida, tirar as pessoas de algum lugar de conforto, pra mim já valeu. Que sejam uma, duas, pra mim já valeu.